



APRESENTAÇÃO

PASSADOS ANTECIPADOS, FUTUROS EMPOEIRADOS: OS CAMINHOS DA FICÇÃO DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

*ANTICIPATED PASTS, RETURNING FUTURES:
THE FICTION OF JOÃO PAULO BORGES COELHO*

*PASADOS ANTICIPADOS, FUTUROS POLVORIENTOS:
LOS CAMINOS DE LA FICCIÓN DE JOÃO PAULO BORGES COELHO*

Volvidos 15 anos de seu surgimento, o projeto literário de João Paulo Borges Coelho afirma-se hoje como um desses raros casos que concilia regularidade na produção, experimentação artística e uma saudável dose de alheamento aos holofotes do mercado. Divididos em romances, novelas e estórias, seus doze livros abriram veredas formais e temáticas às letras de língua portuguesa e rapidamente cativaram a atenção de uma vasta massa crítica, inclusive no Brasil, onde o autor ainda não foi publicado.

Doutor em História Econômica e Social pela Universidade de Bradford, no Reino Unido, pesquisador em História Contemporânea e da África Austral e Professor na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, João Paulo Borges Coelho tem dedicado grande parte de seu trabalho acadêmico à investigação das guerras que seu país abrigou no último século, além de questões voltadas para a segurança regional. Sua produção artística beneficia-se, naturalmente, das informações colhidas nestes campos.

Mas não só. Influenciada também por outras ciências sociais e humanas, como a geografia, assim como pelo namoro com outras artes, como as histórias em quadrinhos, o cinema, o teatro, a pintura, a arquitetura ou a música, sendo das mais ricas no que tange à intertextualidade — por via de um diálogo fundamentalmente com textos de outros universos linguísticos —, visando ainda ocupar espaços (físicos e simbólicos) até então lacunares na literatura moçambicana, a obra de João Paulo Borges Coelho é, atualmente, uma das mais desafiadoras dos espaços de língua portuguesa.

Por todas estas razões, a Revista *Mulemba*, há um ano atrás, convidou os especialistas a ampliarem o conhecimento sobre essa escrita que (se) ergue (em) cenários de tanta contradição. O I Congresso Internacional *Cartógrafo de memórias: a poética de João Paulo Borges Coelho*, realizado na Universidade de Lisboa, em julho de 2017, com o competente e caloroso acolhi-



mento do CLEPUL, inspirou a empreitada que agora se apresenta. Refletiu-se, na ocasião, sobre os seguintes aspectos: o lugar de João Paulo Borges Coelho no campo literário nacional, suas trocas com as literaturas de outros contextos e o modo como os gêneros literários interagem em/com sua obra; as relações de poder encenadas e a ambiguidade dos centros e das margens; o modo como as ideias de autoctonia e alteridade, enquanto zonas de tensão, são projetadas; as pontes que ligam diversas artes para, implicitamente, interrogarem a nação; os usos políticos da memória e do esquecimento; as redes de promiscuidade entre a longa história e o extremo contemporâneo; os desafios e os limites das teorias, quando postas em confronto com esta literatura; a violência. Confirmou-se, então, e por diversos ângulos, a hipótese de que partíamos: procurando desestabilizar doxas através de uma pesquisa estética e filosófica sobre os paradoxos da história e, ao mesmo tempo, homenagear o literário em seu encontro com o cotidiano e com os saberes que lhes são próprios, João Paulo Borges Coelho repensa as relações entre Moçambique e o mundo, de ontem e de hoje.

O presente número da Revista *Mulemba* procura dar, além de continuidade às discussões iniciadas em Lisboa, a medida da importância e da pluralidade de horizontes que a escrita de João Paulo Borges Coelho oferece ao leitor e ao crítico. O referido encontro, diga-se, contou com dois momentos particularmente instigantes: a conferência de abertura, proferida por Rita Chaves, e a conferência de encerramento, a cargo de Fátima Mendonça. Por este motivo, a que se junta o da transversalidade dos problemas tratados em ambos os casos, iniciaremos o dossiê com seus artigos.

Focalizando os primeiros cinco romances do autor, **Rita Chaves** investiga as diferentes modalidades de escrita em sua relação com um gênero literário que, desembarcando tardiamente no país, adquire uma “nova forma de respirar” com João Paulo Borges Coelho. Após refletir sobre a evolução do gênero em distintos contextos e sobre as particularidades do caso moçambicano e de cada uma das obras em questão, Chaves revela como a opção pelo romance é fundamental na estruturação da cartografia de aspectos e procedimentos que o escritor utiliza para indagar o tempo e o espaço que lhe coube viver.

Fátima Mendonça, por sua vez, parte dos romances *As duas sombras do rio* e *Campo de Trânsito* para examinar a singular representação da violência elaborada por João Paulo Borges Coelho. Mendonça põe em diálogo estas narrativas com as perspectivas filosóficas de Emmanuel Levinas sobre a guerra e a tirania e mostra como o autor moçambicano, na contramão do que se poderia esperar, se tivermos em conta seu outro ofício, cria universos ficcionais cujas significações em suspenso remetem a percepção da violência para um plano de incerteza e de questionamento.

Centrando também sua atenção em *Campo de Trânsito*, **Carmen Lúcia Tindó Secco** propõe uma análise comparativa entre o romance e o filme *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo. Secco opera com conceitos como “teatro do absurdo” e “estado de exceção” para refletir



sobre as deformidades de tal realidade social. Tanto o romance – com seu tom alegórico e surreal – como o filme – com seu discurso realista – alertam, em sua avaliação, para a persistência de sombras e fantasmas coloniais e, desse modo, efetuam uma revisitação crítica da história recente de Moçambique.

Em sua leitura sobre *Rainhas da Noite*, **Margarida Calafate Ribeiro** analisa o papel desempenhado pelas mulheres no que tange ao reconhecimento das injustiças e à consciência política que se foi engendrando no tempo colonial. Ribeiro examina a presença da protagonista para a composição da mensagem da obra, mas não deixa de ressaltar as formas de luta atribuídas a um conjunto de mulheres – oriundas de diferentes elites coloniais e com diferentes papéis naquele limitado espaço social de Moatize – que soube romper as barreiras do espaço privado e contribuir para a gestação de “futuros”.

Já **Ana Beatriz Matte Braun** dá prioridade à narrativa paralela desenhada no mesmo romance, isto é, a narrativa que se desenvolve no tempo presente e na cidade de Maputo. Depois de salientar a especificidade da estrutura narrativa, Braun avalia os contornos da atitude ambivalente do narrador, que se vê, por um lado, estimulado pela investigação sobre a vida da pequena comunidade de Moatize e, por outro, em permanente conflito com o ambiente histórico e social em que a narração se inscreve e, simultaneamente, constrói.

Jessica Falconi, com base em perspectivas teóricas e críticas que analisam as interações do ser humano com o universo não-humano, reflete sobre o conto “Casas de Ferro”, incluído em *Índicos Índicios. Setentrião*, e a mais recente novela do escritor, *Água. Uma novela rural*. Fundamentando sua reflexão na “ecocrítica da matéria”, Falconi mostra-nos de que maneira o registro das relações entre várias categorias de elementos constitui um aspecto relevante da obra de João Paulo Borges Coelho.

Também a partir de *Água. Uma novela rural*, **Ana Margarida Fonseca** debruça-se sobre a representação dos rios, enquanto metáfora de elevado alcance simbólico para a construção da narrativa. Com base nesse eixo, Fonseca estuda a forma como, na novela de João Paulo Borges Coelho, as identidades são pautadas por uma complexa relação entre tradição e modernidade, campo e cidade, nativo e estrangeiro, novo e velho.

Situando a análise na mesma problemática, a identidade, mas através de uma metodologia mais voltada para o diálogo com a história e com a sociologia, **Fabrcio Dias Rocha** entrelaça ensaios, entrevistas e algumas obras de João Paulo Borges Coelho para sublinhar a complexidade e a pluralidade de elementos que moldam as identidades no Moçambique independente. Para Rocha, a ideia de moçambicanidade não pode restringir-se a um evento fundacional, mas, pelo contrário, deve prever uma amálgama de processos e premissas de longa duração.

Fernanda Gallo, por seu turno, analisa as interseções entre o trabalho do historiador João Paulo Borges Coelho, em especial as pesquisas realizadas na província de Tete sobre os processos de deslocamento forçado, e seu primeiro romance, *As Duas Sombras do Rio*, ambien-



tado na mesma região. Para Gallo, a consistência dos dados históricos recolhidos pelo cientista impulsionou o projeto do escritor, que, entretanto, descobriu na ficção um espaço mais propício para a experimentação.

Também por via das trocas entre história e ficção, mas a partir de outro ângulo e de outro romance, neste caso *Campo de Trânsito*, **Rosilda Alves Bezerra**, **Francisca Zuleide Duarte de Souza** e **João Batista Teixeira** analisam algumas das modalidades de ficcionalização sobre os campos de reeducação. Depois de apresentarem uma série de hipóteses críticas que fazem interagir a mensagem da narrativa com tal contexto histórico, os autores examinam a relação entre as opções políticas da FRELIMO e a situação social do Moçambique contemporâneo.

O dossiê finaliza com duas análises sobre a recepção crítica da obra de João Paulo Borges Coelho. A primeira, de **Marco Bucaioni**, apresenta o ponto de situação das traduções já efetuadas da obra do escritor moçambicano. Após chamar a atenção para a necessidade de inclusão dos estudos de tradução na análise crítica da recepção e circulação literária, Bucaioni analisa as três traduções para o italiano, procurando, a partir dos elementos que as circundam, instituir um modelo de trabalho para futuros estudos deste gênero.

A segunda, de **Ricardo Luiz Pedrosa Alves**, discute a recepção crítica da obra literária de João Paulo Borges Coelho a partir de artigos acadêmicos publicados no Brasil. Depois de apresentar a noção de obra literária como conquista da produção do escritor moçambicano e de levantar um conjunto de problemas acerca da recepção da literatura moçambicana no Brasil, Alves identifica algumas características dos olhares que analisaram a obra de João Paulo Borges Coelho, dividindo-os em dois grupos, antes de concluir com uma proposta de novas frentes de investigação.

Saindo do dossiê, mas não de Moçambique, incluímos neste número uma entrevista a Pedro Pereira Lopes, da autoria de **Eliane Debus**, e uma resenha da mais recente edição brasileira do clássico de Luís Bernardo Honwana, *Nós matamos o cão tinhoso!* (2017), assinada por **Júlio César Machado de Paula**.

Os mais sinceros agradecimentos aos autores que viabilizaram este projeto, com seus textos e sua disponibilidade para a interlocução, deixam-se acompanhar pelos votos de uma boa leitura a todos.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 2018

Nazir Ahmed Can (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sandra Sousa (University of Central Florida)

Sheila Khan (Universidade do Minho)

Elena Brugioni (Universidade Estadual de Campinas)

